

Literaturas lusófonas

Lusophone literatures

Francisco Soares



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/1222>

DOI: 10.4000/ras.1222

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 Junho 2011

Paginação: 119-127

ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica

Francisco Soares, « Literaturas lusófonas », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 7 | 2011, posto online no dia 13 outubro 2016, consultado no dia 03 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/ras/1222> ; DOI : 10.4000/ras.1222

Este documento foi criado de forma automática no dia 3 Maio 2019.

© SASO

Literaturas lusófonas

Lusophone literatures

Francisco Soares

NOTA DO EDITOR

Artigo pedido ao autor

Recepção do artigo: 29 de Abril de 2011

Conclusão da revisão: 13 de Maio de 2011

Aceite para publicação: 13 de Maio de 2011

1.

- 1 Deve valer a pena perseguir o rastro desta expressão: “literaturas lusófonas”. Quando surgiu, como, os contextos em que funcionava e de que modo isso acontecia (com sentidos opostos ou concordantes para os sujeitos envolvidos, por exemplo). Mas também que termos eram usados ontem e são usados hoje para designar um sistema literário lusófono quando não se quer, ou não se pode, escrever o segundo adjectivo. Não existem estudos desses realizados e agrupados sistematicamente, porque a expressão forma-se após a(s) independência(s) (período ou época também chamado pós-colonial) e só agora começamos a meditar sobre ela com alguma insistência (pouca, diga-se, e mais movidos pela mágoa da falsificação de uma eventual solidariedade entre lusófonos). Portanto, é necessário deduzir hipóteses a partir do pouco já praticado, hipóteses que serão seminais para além de orientadoras. Como estudioso das literaturas, interessa-me a hipótese que responda a esta questão: existe um sistema literário formado pelas literaturas lusófonas?
- 2 A resposta assentará provavelmente sobre duas teses – uma de verificação histórica e outra que se prende com a actualidade do problema. A primeira leva-nos a perguntar pelo que se sabe acerca da literatura numa história partilhada (não propriamente comum, só em parte concordante, mas interseccionada). A segunda hipótese verifica-se rastreando as relações sobre as quais pode assentar hoje tal sistema, caso exista.

- 3 Uma tendência natural é a de pensarmos as literaturas lusófonas a partir de uma antecedência localizada. Para o caso de Angola, a partir do contacto de várias (oraturas e literaturas) com a literatura europeia na sua versão portuguesa; a partir do contacto de várias (oraturas e literaturas) exógenas com variações das culturas bantu e pré-bantu; etc. Parece-me, porém, mais acertado olhá-las de um ponto de vista alargado, como literaturas que surgem no confronto e convívio entre várias tradições, de tal maneira que nenhuma das anteriores pode reclamar absolutamente paternidade ou maternidade, sem prejuízo de serem (ou não serem) momentaneamente predominantes. Tornou-se de uso comum dizer que a totalidade é mais do que a soma das partes. Pode não ser mais numericamente, mas qualitativamente. Porque a agregação de vários elementos num todo gera coisas novas – e é justamente isso que sucede com o aparecimento das literaturas lusófonas. Na “rede de valores e elementos materiais comuns a Portugal e aos espaços tropicais colonizados pelos portugueses” havia um sistema literário a formar-se. As suas fronteiras serão sempre imprecisas e instáveis. A sua cristalização (ao ponto a que podemos levar a cristalização de uma literatura nacional) provavelmente não chegará a dar-se. Mas ele existiu e existe na medida em que se foi formando e, hoje, na medida em que fazem novos cortes-colagens com passados e presentes globalizados e lusófonos, ou melhor, lusógrafos. A sua pertinência no processo mais geral de miscigenação cultural deriva, penso, da capacidade que tem a arte para forjar novas mareações e trocas, aglutinações e justaposições das “diferentes expressões culturais” [Costa 2005: 75].
- 4 Houve, claro, antecedentes idênticos. É mesmo uma hipótese palpável a de que muitas ou todas as literaturas se formaram assim. Para citar exemplos ‘ocidentais’ (integrados pela semiosfera euro-americana), a *Bíblia* terá sido formada, principalmente, entre os legados culturais de Sumérios, Babilónios, Assírios, Egípcios e todos os que nestes influíram. A mesma *Bíblia* vem cada vez mais participando na formação de literaturas de todo o mundo. E de tal maneira que não podemos dizer delas que vieram daqui ou dali e se chamuscaram com a *Bíblia*, porque vieram dessa vasta enciclopédia cultural formada por “aqui” e por “ali”, vieram de todos esses ‘lugares’. As literaturas peninsulares (da Península Ibérica), entre as quais se inclui a portuguesa, formaram-se também no cruzamento e choque de várias culturas, oraturas e literaturas. Processos estruturalmente análogos ocorreram nos restantes países de língua oficial portuguesa e em outros. Por isso, também neles podemos ver características como as que passo a citar:
- 5 1. uma constante busca da inovação através da mistura, mistura na qual se destaca a de géneros literários;
- 6 2. a proliferação de “contaminações” aos mais diversos níveis (e de que o ponto 1 é exemplo);
- 7 3. uma personalização da obra que lhe garante a unidade nesse magma de diversidades;
- 8 4. uma grande variedade nas fontes;
- 9 5. o proliferar de imagens e personagens por emascaramentos e desmascaramentos;
- 10 6. um seguro domínio da retórica e a superação das suas limitações de obra para obra;
- 11 7. uma especial sensibilidade ao tópico da mudança;
- 12 8. uma especial sensibilidade ao sentido viático dos homens e das “almas”.
- 13 Estas características são aplicadas às *Metamorfoses* de Ovídio [Alvarez 2001]. Algumas delas filiam-se proximamente nos “grandes poetas alexandrinos como Teócrito, Calímaco e Apolónio e em Roma se observava já desde Ennio”, como é o caso das “contaminações”

por mistura de géneros literários. Por coincidência com a eclosão dos romantismos e pós-romantismos europeus, que também favorecia a mistura genológica e a liberdade pessoal (mais do que individual), todas estas características podem ser aplicadas à maioria dos escritores angolanos ou brasileiros dos séculos XIX e XX. Também neles a inovação se alimenta em boa parte da mistura de géneros literários (ponto 1); esse tipo de mistura é uma, apenas, das manifestações do predomínio da *contaminatio* nas obras (ponto 2); o recurso ao motivo da infância dá exemplos de personalizações (iniciáticas) das obras que lhes garantem a unidade no seio das diversidades (ponto 3); essas diversidades constroem-se por analogia e contraste com fontes e origens cada vez mais variadas (ponto 4); o jogo entre emascaramento e desmascaramento é tão incorporado que pode relacionar-se com tradições iniciáticas africanas (e eventualmente índias), com o barroco, a intensidade do Carnaval repare-se, lusófono (para além de tropical), mas também tropical (para além de lusófono) e com tradições iniciáticas globalizadas como a dos espiritismos – o chamado ‘realismo fantástico’, ou o ‘realismo animista’, reúne frequentemente os conflitos e as conjugações destas diversas origens (ponto 5); o domínio inicial da retórica é uma condição histórica das literaturas lusófonas, pois se iniciam em períodos literários em que o papel da retórica era muito valorizado (o que na África de língua portuguesa se prolongou pela formação literariamente conservadora dos padres que, por absentismo estatal, dominavam as redes de ensino locais) – mas convivem também com tradições orais em que a oratória tinha uma desenvoltura assinalável (a congoleza, por exemplo), ao mesmo tempo em que evoluem por uma ligação às oralidades que renova e reverte as retóricas da escrita (ponto 6); a especial sensibilidade ao tópico da mudança parece que desde sempre atravessa todas as literaturas lusófonas (veja-se, por exemplo, Sá de Miranda, *Os Lusíadas*, os romantismos locais, os modernismos, antropofagias e nacionalismos locais – ponto 7); a especial sensibilidade ao sentido viático pode-se encontrar nos romances de formação das várias literaturas lusófonas e em muitos outros, como em Angola *Scenas d’África* de Pedro Félix Machado, *O segredo da morta* de António de Assis Júnior, ou as ficções de José Eduardo Agualusa, ou *O Feitiço da Rama de Abóbora* de Cikakata Mbalundo, ou *Puko o N’gombo: deus da verdade*, de Ndá Lussolo. Está também n’*Os Lusíadas*, na *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, está em muitos simulacros da poesia barroca, em Gomes de Amorim, em Ferreira de Castro, em Teixeira de Pascoaes, em Fernando Pessoa, entre muitos outros. Está no *Diabinho da Mão Furada*. Está na morna e na *Claridade*. Está no *Orfeu*. Em Jorge de Lima, por uma via¹, ou na *Luanda-Beira-Baía* de Adonias Filho. Por razões diferentes e com diferentes funções em cada obra está lá representado, sob as mais variadas formas, o sentido viático do homem e, ou, das almas – que em Ovídio estava relacionado com a transmigração das mesmas e em todos eles com o jogo de emascaramento e desmascaramento.

- 14 Quer isto dizer que a matriz comum às literaturas lusófonas é, em muito, parecida com a de outras épocas, pessoas e lugares em que se viveu mais intensamente entre culturas. O que está hoje disseminado. Na actualidade, as literaturas lusófonas inserem-se na globalização a partir das aprendizagens e práticas partilhadas, ou seja, com a perspectiva de que se trata de cruzar novamente os dados e as teorias divergentes (ou diversos) através de sínteses personalizadas, agora enriquecidas com uma diversidade cultural maior.
- 15 O que lhes lega esse passado e como se relaciona com a globalização actual? Em termos literários, visto que é disso que falamos, as partilhas e actualizações podem ser observadas pelos conhecimentos e as escolhas técnicas, artísticas, poéticas, nas obras e na

sua recepção Um sistema literário funciona em torno de uma constelação de conhecimentos, de uma enciclopédia, que são tecnicamente reconhecíveis pelas suas explicitações e pelos implícitos que manipulam. Os sistemas não são estanques, por isso também são instáveis, o que torna imprecisa a sua definição. Muitos dos conhecimentos são partilhados com outras entidades e outros agrupamentos, como por exemplo as literaturas de influência bantu, as literaturas latino-americanas e norte-americanas, as caribenhas, outras de inter-relação com as lusófonas na Ásia, os modernismos europeus, os romantismos europeus, a poesia japonesa, etc. O conjunto das secantes e tangentes é que vai sendo configurado de forma própria por cada comunidade literária, quer na produção da matéria-prima, quer no seu acolhimento público. É por aí que podemos começar, parece-me que de forma segura e flexível, a definir a significação do composto “literaturas lusófonas”.

2.

- 16 Não tenho a pretensão de traçar esse conjunto, de secantes e tangentes, no que diz respeito a todas as literaturas lusófonas. Explico porquê, se é que ainda alguém não percebe a causa: é que somos muitos, vastos e muito variados – felizmente. E usamos às vezes termos de conteúdos tão lassos, que não dá nem para puxar por um fio. Mas explico mais miudamente.
- 17 Pensemos o adjectivo da expressão que nos dá tema: “lusófonas”. É claro que a maioria de nós, escritores lusófonos, fala português quotidianamente e, nessa medida, somos lusófonos. Mas o que nos define, em rigor, é sermos lusógrafos. David Mestre chamou à atenção para isso, dando por título do último livro seu de crónicas literárias *Lusografias crioulas* [Mestre 1997]. Substituindo “lusófonas” por “lusógrafas” incluiremos mais escritores, aqueles que não são só lusófonos mas também bantúfonos ou bantófonos ou bilingues (lusógrafos e de outra fonía). Do que falamos é de literatura, arte da palavra escrita. Por aí também quadra melhor o adjectivo lusógrafa.
- 18 Dito isto, seja-me permitido um breve apontamento pessoal. Em 1992, para realizar uma das minhas provas públicas na Universidade de Évora, escrevi uma pequena brochura sobre nacionalidade literária. Nela procurei fixar o conceito do que chamo “diferenciação literária” [Soares 1993]. Uma vez que ensinava literaturas africanas, apercebendo-me de que havia equívocos na concepção dessas literaturas e de que tais equívocos estavam consignados na própria denominação da disciplina, concentrei parte significativa da minha reflexão sobre isso, partindo dela para o conceito que titulóu o livrinho.
- 19 O caso é que, sendo nós cinco países africanos lusógrafos e não podendo os currículos suportar cinco disciplinas diferentes, convencionou-se ensinar tudo de uma vez. Era, portanto, necessário criar uma designação para as literaturas dos cinco países. Alguns estudiosos designavam tudo por ‘literatura africana de expressão portuguesa’. O problema começava logo pelo singular. Havendo, num dado momento, por circunstâncias históricas bem conhecidas, um pequeno sistema literário africano dentro da lusofonia, principalmente centrado nos grupos de estudantes africanos a viver em Lisboa e no resto da Europa, ter-se-á criado a ilusão de que ele implicava como que uma literatura única. Naturalmente que, depois das independências e com a complexificação e autonomização das respectivas semiosferas urbanas, cada país desenvolveu cada vez mais uma literatura própria. Não só: cada país vai tomando consciência das raízes diferenciadas e do percurso antigo da escrita literária no seu território. Por aí se percebe que Angola, por exemplo, foi

formando o seu sistema literário desde o fim do século XVI, num caminho que a diferencia (em termos literários) de todos os outros.

- 20 Outro problema que se colocava era o de tais literaturas não nos apresentarem uma expressão portuguesa. Expressiam, contrapolarmente, uma africanidade no interior da lusofonia. Pareceu-me então (parece-me ainda hoje) que a designação correcta seria “Literaturas Africanas em Língua Portuguesa”.
- 21 Isso não resolvia todos os nossos problemas. O maior deles, na prática, era o de ensinar cinco literaturas diferentes em três ou quatro meses. Impossível. A opção viável parece-me ser, ainda hoje, a de nos centrarmos numa das literaturas (uma das mais longas e com maior variação interna) como centralidade em torno da qual, por comparações, se vai transmitindo informação sobre as restantes.
- 22 Porque é que falo nisto? Porque essa experiência me preparou para pensar em literaturas lusófonas. Imagine-se que temos, em certas universidades (não lusófonas, por exemplo), uma disciplina intitulada ‘Literaturas lusófonas’. Ou imagine-se ‘Literatura lusófona’. Como ensinar isso tudo? Estaríamos, nesse caso, perante os mesmos problemas que acabo de expor.
- 23 Se quiséssemos ater-nos, em rigor, à designação, supondo que haja mesmo a funcionar um sistema literário lusófono, teríamos duas opções:
- 24 1. encontrar recorrências que permitissem estabelecer quem são os autores mais lusófonos e estudá-los só a eles;
- 25 2. pegar numa literatura particular e, a partir dela, estudar a inserção dos autores na semiosfera lusófona e lusógrafa.
- 26 Para seguirmos o primeiro caminho, seria primeiro necessário conhecer bem todas as literaturas lusófonas. Uma tarefa que, pelo ensino das literaturas africanas em língua portuguesa, eu já tinha verificado ser impossível.
- 27 Resta-nos então o segundo caminho. No nosso caso: a partir da literatura angolana e do que sabemos acerca das outras, encontrar obras e escritores que, sendo angolanos, inserem-se melhor nos restantes mercados lusófonos. Isso nos obriga a um contraste com os escritores que não se inserem, ou se inserem deficientemente, nos mercados lusófonos. Um tal contraste levará a que não coloquemos de lado um autor por ele ser menos ‘lusófono’.
- 28 Logicamente, sendo a literatura angolana lusógrafa, africana e bantógrafa (com os poucos livros bilingues que temos ainda), haverá autores mais próximos da lusofonia, como também autores mais próximos da bantufonia e escritores mais próximos de outro sistema demasiado vasto, vago e diverso para o conseguirmos estudar: o africano, mesmo que só pensemos no da África ‘negra’.
- 29 Há de facto, entre nós, autores que circulam mais e melhor nos mercados euro-americanos e, muito em particular, nos mercados lusófonos. O circuito comercial por eles dominado é apenas um dos indícios da sua ‘lusografia’. Sendo embora de cariz económico, não é menos significativo para quem estuda literatura. Porque a circulação das obras indicia que o respectivo autor domina os códigos e conhece (ou satisfaz intuitivamente) as expectativas da semiosfera lusógrafa e lusófona. Entre nós, por exemplo, é nítida a circulação lusógrafa (mas não só: a partir dela se internacionalizando cada vez mais) de nomes como os de Agostinho Neto, Viriato da Cruz, Luandino Vieira, Pepetela, Manuel

Rui, Ruy Duarte de Carvalho, José Eduardo Agualusa, Ana Paula Tavares, João Melo. Pelo menos estes.

- 30 Muitas vezes, suspeitamos de que outros nomes – entre eles destacando-se o de Uanhenga Xitu – não são divulgados e admirados nos mercados lusógrafos por racismo ou preconceito. Não tenho a certeza disso, por vezes temo até que estejamos a querer impor um gosto próprio aos outros, sem lhes darmos a suficiente e elegante atenção que, enquanto leitores, esperam. Quando visitamos outro país devemos estudar os costumes e a história desse país, para não ferirmos susceptibilidades e para melhor aparelharmos a nossa retórica. A literatura precisa de fazer o mesmo.
- 31 Vendo assim, para os que (como Uanhenga Xitu) tiveram acesso ao mercado português, por exemplo, há duas observações que me parecem incontornáveis. Por um lado, ele não deixou de ter sucesso [Xitu 1974, Xitu 1979, Xitu 1980, Xitu (1984?), Xitu 1978, Sá 2008]. Em termos editoriais, ele esteve particularmente activo no mercado português (em parte suportado pelas coedições, é verdade, mas só em parte) entre 1974 e 1984 – bem menos que no brasileiro, que acordou mais tarde para as literaturas africanas lusógrafas. É certo que, a partir de 1984, só em 2008 a Cotovia reeditou *Bola com feitiço* e *Mestre Tamoda*, num volume único [Xitu 2008], o que revela uma descontinuidade relativamente às edições angolanas, que deixaram de ser coedições com Lisboa. Porém, é compreensível que o seu sucesso fosse descontinuado, por causa do egoísmo natural dos leitores: é que ele não trabalha tanto com os pressupostos de um eventual sistema literário lusógrafo. O seu trabalho sobre a angolização da linguagem, a par do de Luandino Vieira e Boaventura Cardoso, perdeu público juntamente com estes escritores (em especial com Luandino), assim que o paradigma se transformou (passou mais a valorizar a criatividade individual, algo malabarística, particularmente visível em Mia Couto e no primeiro Ondjaki).
- 32 A par desse trabalho mais distanciado de uma semiosfera lusógrafa não-angolana, as relações com os editores, a ausência de aposta do autor nas relações com editores portugueses, o facto de ele não circular nos meios em que se convive com tais editores, explicará também a descontinuidade referida. Normalmente estes editores não conhecem bem a literatura angolana, ou melhor: conhecem-na, como é de prever, pelo que lhes chega a Lisboa ou ao Porto. Não terão, portanto, uma percepção apropriada da popularidade da obra de Uanhenga Xitu entre nós. O que não é mau nem bom, no sentido moral das palavras, é só assim.
- 33 Se escavarmos mais um bocado, vemos que a lista citada acima (de autores mais lusófonos) inclui nomes de pessoas com formação geralmente feita na escolaridade portuguesa (colonial ou da ‘metrópole’) ou na brasileira. Possuem uma formação intelectual globalizada a partir, justamente, da semiosfera lusófona e, sobretudo, lusógrafa. Se aprofundarmos e sistematizarmos análises literárias das suas obras, observamos que (para cada geração) a maioria deles domina os cânones literários de Portugal e do Brasil (estou a comparar com os dois maiores mercados do livro neste conjunto de países).
- 34 Se, porém, como disse atrás, a totalidade é mais que a soma das partes, o que vimos até aqui não basta para falarmos num sistema literário lusógrafo, não temos ainda esse ‘mais’ que se acrescenta à mera adição de partes. É preciso que surjam obras nas quais possamos encontrar os elementos novos que fazem a diferença (melhor: o acrescento) que torna a totalidade superior às partes. Elementos que não conheço ainda, ou que vislumbro muito vagamente.

- 35 O que noto é que alguns destes nossos escritores (como José Eduardo Agualusa) se esforçam por trabalhar referências artísticas, sociais e geográficas de vários países ou territórios lusófonos, aumentando assim a sua inserção nas comunidades onde serão lidos. No caso de Agualusa, isso nota-se mais a partir da participação no guia *Lisboa africana* [Agualusa et al. 1993], começando a ampliar-se em *Estação das chuvas* [Agualusa 1996] e ganhando vulto (lusófono) sobretudo em *Nação crioula* [Agualusa 1997], *Fronteiras perdidas* [Agualusa 1999], *Um estranho em Goa* [Agualusa 2000], *O ano em que Zumbi tomou o Rio* [Agualusa 2002], *Manual prático de levitação* [Agualusa 2005], *Passageiros em trânsito* [Agualusa 2006], *As mulheres do meu pai* [Agualusa 2007], *Na rota das especiarias* [Agualusa 2008], *Milagrário pessoal* [Agualusa 2010a, Agualusa 2010b]. É um esforço que aproveita, naturalmente, os respetivos percursos biográficos – o que se nota com maior clareza em *Desmedida*, de Ruy Duarte de Carvalho [Carvalho 2006]. O mesmo já acontecera com o acidentado percurso e a congénita ‘lira’ de José da Silva Maia Ferreira no século XIX [Ferreira 2002], mesmo com as crónicas escritas em Nova Iorque. E, no início do século XX, o mesmo sucedera (por vontade própria) com a vinda para Angola de Tomás Vieira da Cruz. Pode esse esforço conduzir, ou estará mesmo a conduzir, a um conjunto que seja mais que a soma das partes. Pode-nos levar a obras cujo interesse principal já não reside só no cordão umbilical, mas nesse espaço mental e referencial interseccionado que dá corpo à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).
- 36 Fazendo pequenas incursões em literaturas africanas lusógrafas, encontramos casos similares. Por exemplo, José Craveirinha, Rui Knopfli e Mia Couto (Moçambique); os autores da *Claridade*, Corsino Fortes e Germano Almeida (Cabo Verde); Luís Cardoso e Fernando Sylvan (Timor). Fazendo incursões ainda mais rápidas, o caso de escritores hoje mundialmente famosos como Amin Maalouf ou Salman Rushdie. Ambos se criaram em países não europeus, ambos frequentaram as semiosferas e vias de globalização que tinham ao seu dispor a partir dos seus países e ambos acabaram por se afirmar como estrelas da sua ‘fonia’ europeia e, depois, no mundo inteiro. Vários dos seus livros, quando actualmente os lemos, apesar de partirem de referências localizadas, desenrolam a intriga e fazem recurso aos procedimentos que são conhecidos nessa esfera de intersecções a que chamamos, culturalmente, a globalização. Daí que seja compreensível (embora não seja rigoroso) que por vezes haja leitores dos respectivos países que os sintam menos ‘seus’. É o egoísmo do leitor quando percebe que as referências já não são só as que partilha com os outros ‘locais’. Mas o autor não é menos libanês ou indiano por isso, é mais. É indiano ou libanês, ou angolano, mais quaisquer coisas: francófono ou anglófono, lusófono, global.
- 37 O mesmo se passará com autores como José Eduardo Agualusa ou José Sousa Jamba (funcionando este, como se sabe, na intersecção entre Angola e a anglofonia – o que merece mais estudos e enriquece mais a cultura nacional). A edição de *Patriots* em *paperback* sai em 1992 na Penguin Books, dois anos depois da 1.^a edição, o que é suficientemente esclarecedor [Jamba 1992]. Nenhum deles é menos angolano, são angolanos mais lusófonos ou anglófonos, e globalizados enquanto autores. Isso pode ser visto como afastamento (o índice de globalização, pela informação acrescentada, introduz estranheza relativamente aos sistemas literários nacionais), ou como acréscimo (a literatura nacional a marcar a sua presença em semiosferas mais amplas e a trazer para o país algumas formas e conteúdos novos).
- 38 Quer dizer que há, minimamente, um sistema e ele funciona, quer ao nível global, quer ao nível da lusografia. Só minimamente neste segundo caso. As barreiras alfandegárias, as dificuldades económicas, os fracos índices de desenvolvimento humano e social, os custos

para transporte de livros e outros aspectos económicos, ou socioeconómicos (o acesso à Internet por parte de escritores e leitores de determinados países, por exemplo); o natural egoísmo dos leitores (que preferem poder projectar-se no ‘mundo’ da obra identificando-se inteiramente com ele); a ausência de uma política séria, direccionada e eficaz para o intercâmbio cultural entre lusografias – são, pelo menos estes, alguns aspectos ‘práticos’ a condicionar a efectivação mais intensa e organizada de um sistema literário na lusofonia. É um bocado como o desporto: vão circulando alguns atletas, mas não há campeonatos ou jogos da lusofonia que nos ponham numa competição saudável a todos ao mesmo tempo. Por tudo isso também, os autores mais lusógrafos tendem a rarear conforme passamos para gerações mais novas. Não fossem as fugas à falta de oportunidades e os exílios consumados, eles seriam menos ainda. E quanto menos forem menos sentido fará falarmos, não escrevo em literaturas lusófonas, mas em lusografias como um sistema ou uma semiosfera funcional no mundo de hoje.

BIBLIOGRAFIA

- AGUALUSA, José Eduardo, 2007: *As mulheres do meu pai*. Rio de Janeiro: Língua Geral
- AGUALUSA, José Eduardo, 1996: *Estação das chuvas*. Lisboa: D. Quixote
- AGUALUSA, José Eduardo, 1999: *Fronteiras perdidas: contos para viajar*. Lisboa: D. Quixote
- AGUALUSA, José Eduardo, 2005: *Manual prático de levitação*. Rio de Janeiro: Gryphus
- AGUALUSA, José Eduardo, 2010a: *Milagrário pessoal*. Lisboa: D. Quixote
- AGUALUSA, José Eduardo, 2010b: *Milagrário pessoal*. s.l.: Língua Geral
- AGUALUSA, José Eduardo, 2008: *Na rota das especiarias*. Lisboa: D. Quixote
- AGUALUSA, José Eduardo, 1997: *Nação crioula*. Lisboa: TVGuia
- AGUALUSA, José Eduardo, 2002: *O ano em que Zumbi tomou o Rio*. Lisboa: D. Quixote
- AGUALUSA, José Eduardo, 2006: *Passageiros em trânsito*. Lisboa: D. Quixote
- AGUALUSA, José Eduardo, 2000: *Um estranho em Goa*. Lisboa: Cotovia
- AGUALUSA, José Eduardo; Fernando SEMEDO & Elza ROCHA, 1993: *Lisboa africana*. Porto: ASA
- ALVAREZ, Consuelo & Rosa Maria IGLÉSIAS, 2001: “Introdução” a Ovídio. *Metamorfoses*, 4ª edição, Madrid: Cátedra
- CARVALHO, Ruy Duarte de, 2006: *Desmedida: Luanda-São Paulo-São Francisco e volta*, Lisboa: Cotovia
- COSTA, Cátia Míriam, 2005: *Mundo luso-tropical*, Lisboa: Minerva
- FERREIRA, José da Silva Maia, 2002: *Espontaneidades da minha alma*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
- JAMBA, José Sousa, 1992: *Patriots*, s.l.: Penguin
- MESTRE, David, 1997: *Lusografias crioulas*, Évora: Pendor

- SÁ, Ana Lúcia, 2008: *A (re)construção da angolanidade em Uanhenga Xitu*, Lisboa: Novo Imbondeiro
- SOARES, Francisco, 1993: *Diferenciação literária: critérios e posturas*. Évora: PUE
- XITU, Uanhenga, 2008: *Bola com feitiço: antecedido de Mestre Tamoda*. Contos, Lisboa: Cotovia
- XITU, Uanhenga, 1979: *Maka na sanzala (Mafuta)*, Lisboa: Edições 70
- XITU, Uanhenga, 1978. *Manana*, 2ª edição, Lisboa+Luanda: Edições 70 + União dos Escritores Angolanos
- XITU, Uanhenga, 1974: *Mestre Tamoda e outros contos*, Lisboa: Edições 70
- XITU, Uanhenga, [1984?]: *Os discursos de Mestre Tamoda*, Lisboa+Luanda: Ulisseia + União dos Escritores Angolanos [pref.: Salvato Trigo]
- XITU, Uanhenga, 1980: *Os sobreviventes da máquina colonial depõem...*, Lisboa+Luanda: Edições 70 + União dos Escritores Angolanos

NOTAS

1. Ver, por exemplo, *Invenção de Orfeu*, ou *Anunciação e encontro em Mira-Celi*.
-

RESUMOS

O texto proposto explora algumas possibilidades de aplicação do conceito «literatura(s) lusófona(s)», experimentando possíveis fundamentos e obras exemplificativas.

The proposed text explores some possible applications of the concept of «Lusophone literature (s)», possible pleas and experience books examples.

ÍNDICE

Keywords: Literature, lusophony, lusography.

Palavras-chave: Literatura, lusofonia, lusografia.

AUTOR

FRANCISCO SOARES

Doutor em Literatura Angolana pela Universidade de Évora (Portugal). É Professor Titular na Universidade Katyavala Bwila (Benguela, Angola) e Professor Associado com agregação na Universidade de Évora (Évora, Portugal). As suas principais áreas de investigação são a teoria literária e a literatura angolana. Dentre os livros que tem publicados, contam-se *Teoria da Literatura. Criatividade e estrutura* (Luanda: Kilombelombe 2007); *Notícia da Literatura Angolana* (Lisboa 2001); *A Autobiografia Lírica de «M. António»: uma estética e uma ética da criouldade*

angolana (Évora 1996); Quicôla: estudo (Évora 1997); A Diferenciação Literária. Critérios e posturas (Évora 1993). É membro do Conselho Editorial da Revista Angolana de Sociologia. É membro do Conselho Editorial da Revista Angolana de Sociologia.
fmasoares@hotmail.com